



Cinematógrafo em Tempos de Pandemia – Volume II
Textos de alguns dos participantes dos Encontros Virtuais do
Cinematógrafo e Saladearte

Organização geral e produção: Ana Lúcia Lima Velame
Grácia Queiroz

Revisão: Grácia Queiroz

Projeto gráfico e diagramação: Roger Aburto

Capa: Roger Aburto

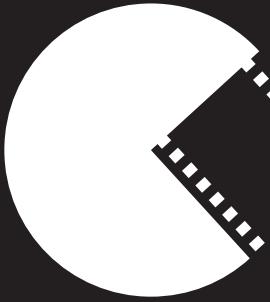
Fotos: Acervos pessoais dos participantes dos Encontros Virtuais do
Cinematógrafo e Saladearte.



Este trabalho está licenciado pelo Cinematógrafo e pela Saladearte, com
uma licença:
Creative Commons- Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0
Internacional.

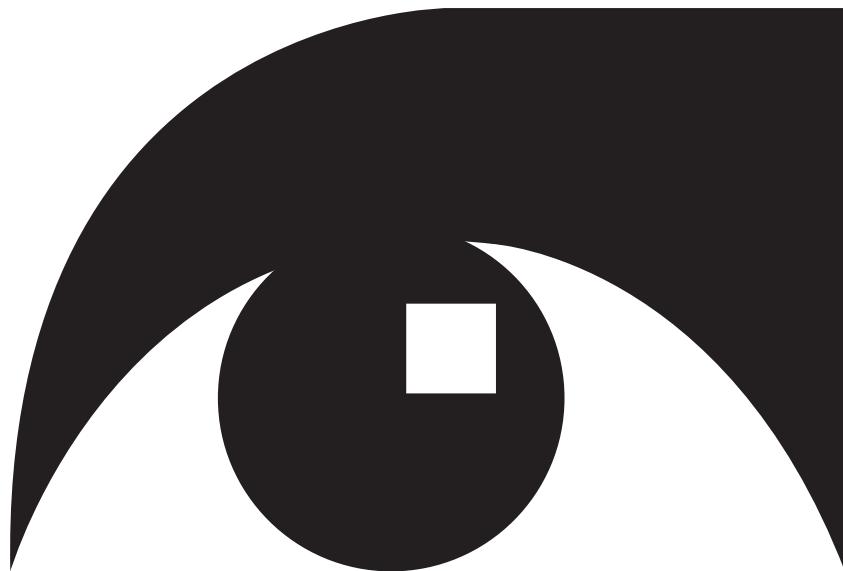
Site do Cinematógrafo na Saladearte:
<https://cinematografo.art.br>

Setembro/2021
Salvador, BA. Brasil



**Cine
ma
tó
gra
fo**

Em parceria com:



**CIRCUITO DE CINEMA
SALA DE ARTE**

DEDICATÓRIA

A Fabrício, Camele e Suzana nossa admiração, reconhecimento e
“gratidão pelo alimento que chega à nossa alma
através do Cinematógrafo”.*

À Saladearte, nosso espaço preferido em Salvador,
nossos aplausos por fazer a diferença na cultura da Bahia.
Para vocês, os relatos dos nossos corações.

Com carinho,

A Irmandade.

*Extraído da fala de Maria da Penha Lirio Almeida
no 99º Encontro do Cinematógrafo em 04.09.2021

EL CINEMATÓGRAFO*

Neiffe Peña

| | |
|--------------------------------|-----------------------------------|
| Vamos a platicar | Corriendo conmigo-contigo |
| A conversar... | Tocando fondo |
| Solos y juntos | Despertando hondo |
| (viendo el mundo pasar) | Sacando palabras tal vez, |
| proyectado | Música tal vez |
| como un sueño | Poesía tal vez... |
| sobre un filme... | O mi corazón |
| hace un siglo | O tu corazón |
| o acá mismo | Vamos a recontar |
| ¿quién sabe? | Entremos juntos/dispersos |
| Cuéntame lo que te hace llorar | Esta historia |
| Reír, | Que comenzó en París |
| Amar o pensar. | Con los Lumière |
| Yo necesito saber | Ahora tuya |
| Lo que pasa dentro de ti | Es mía |
| Y contar lo mío también... | Es de nosotros |
| Al fondo | Es un poco nuestro arte de estar, |
| Un color | Amar |
| Una imagen | Conversar |
| Una banda sonora que va | Compartir. |
| | Platiquemos... |

*Este poema, da poetisa venezuelana Neiffe Peña para o cinematógrafo, nos foi apresentado no II SARAU da Irmandade em 18.12.2020, em momento de congraçamento em torno da poesia. A gravação do poema, acompanhado pela bela música, também composta para o cinematógrafo, pelo nosso querido violonista Eleazar Madriz Lozada, antecede o início dos nossos Encontros Virtuais aos sábados.

UM POUCO DE HISTÓRIA DO CINEMATÓGRAFO

“O Cinematógrafo começou de forma artesanal em 2016, na Casa 149 e, desde 2018, firmou parceria com o Circuito Saladearte, passando a acontecer no Cinema do Museu. É uma iniciativa dos cineastas, pesquisadores e curadores Camele Queiroz e Fabrício Ramos, que promove variadas ações mensais de cinema em Salvador, em parceria com o Circuito de Cinema Saladearte. A ideia é promover sessões que modifiquem a nossa relação com o Cinema e com os filmes. Entre as ações, estão:

1- O **Cinematógrafo**: todo último sábado do mês exibe filmes que ensejam discussões sobre temas contemporâneos, com sessões sempre seguidas de roda de conversa ao pé da mangueira. Sessões às 16h30 no Cinema do Museu.

2- O **CinematograFinho**: no segundo sábado do mês, exibe filmes que sejam interessantes para crianças e adultos juntos! No caso de filmes falados em outros idiomas, as legendas são especialmente trabalhadas para facilitar a leitura das crianças! Sessões às 15h no Cinema do Museu.

3- O **CinematograFinho Matinê**: exibe filmes propriamente infantis, sempre dublados em português. A ideia é promover um primeiro encontro das crianças com o cinema. Sessões nas manhãs de domingo, às 10h30, no Cinema do Museu

4- O **Cinematógrafo – Cine Cineasta**: acontece no terceiro fim de semana de cada mês, na Saladearte – Cinema da UFBA, exibindo breves ciclos dedicados aos grandes nomes do cinema. Sessões distribuídas nas manhãs de sábado e domingo e na quarta à noite.

OS CURADORES Camele Queiroz e Fabrício Ramos são cineastas, documentaristas e pesquisadores. Realizaram juntos diversos filmes, entre os quais “Muros” (ver site) e o longa “Quarto Camarim” (ver site). Além do Cinematógrafo e CinematograFinho, realizaram, entre outras ações, a mostra Cine Odé – Cinema no Terreiro, em Ilhéus; e coordenam a Bahiadoc – arte documento, plataforma voltada para a difusão do audiovisual produzido na Bahia.

PANDEMIA DO CORONAVIRUS - Enquanto as sessões do Cinematógrafo no Circuito de Cinema Saladearte – Salvador estão suspensas por conta do distanciamento social necessário para o combate à disseminação do coronavírus, a Saladearte Cine Daten, junto com os curadores do Cinematógrafo – os cineastas Camele Queiroz e Fabrício Ramos – promovem encontros virtuais para conversar sobre filmes que serão propostos e podem ser vistos online.

Os encontros acontecem aos sábados (16h) e às quartas (19h30), através da plataforma Google Meet, acessível pelo celular e/ou pelo computador”.

Fonte - site: cinematografo.art.br (acesso em 31.07.2020).



O 1º Encontro do
cinematógrafo ocorreu no
dia 11 de abril de 2020.

Colagem:
Ana Lúcia Velame

ENCONTROS VIRTUAIS

Os Encontros Virtuais Cinematógrafo e Saladearte Daten inicialmente aconteceram nas tardes de sábado e nas noites de quarta desde o início da quarentena, precisamente no dia 11 de abril de 2020, sempre com um filme diferente sugerido pelos curadores do Cinematógrafo, os cineastas Camele Queiroz e Fabrício Ramos, e que pode ser visto online, em casa, a qualquer hora antes do encontro. A partir do 69º Encontro Virtual, ocorrido em 23 de janeiro de 2021, na conversa sobre o filme “Viajo porque preciso, Volto porque te amo” passamos a nos reunir apenas nas tardes de sábado. As conversas acontecem via Google Meet e são participativas. A ação é gratuita, aberta e não tem fins comerciais.

Acompanhem o Instagram e Facebook do Cinematógrafo para ficar por dentro da programação dos Encontros Virtuais, que acontecerão durante todo o período em que o circuito saladearte precisar ficar fechado por conta do distanciamento social, necessário para conter a disseminação do coronavírus.

● GRABANDO



••• fabricio ramos



Ilce Marilia



● Trazibulo Henrique



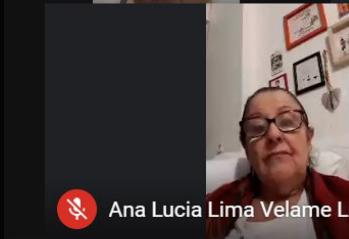
● Hil Patriarca



● Gracia Queiroz



● Luiz Augusto Feitoza Ferr...



● Ana Lucia Lima Velame Lima Velame



● Lucianne Issa Freitas

Detalles de la reunión ^





Vitor J. Nunes
y 14 más

32

1

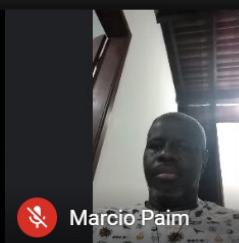
18:18

Tú

...



Marcelo Matos



Marcio Paim



Nádia Husein



João Lopes Filho



Jamile de Almeida



Grácia Queiroz



Marco de Zabé de Profiro da budega



Wilson Pereira de Jesus



Presentar ahora

...

PALAVRAS DE NOSSOS CURADORES

Cinematógrafo e Sala de Arte: Encontros Virtuais. Um espaço raro onde o dissenso enriquece a conversa e o diálogo continuado expande a nossa relação com o Cinema! e com a vida, seus dramas sociais, individuais e espirituais.

A cada encontro, um filme; a cada filme, um cinema.

Assim seguimos realizando os encontros Cinematógrafo, em parceria com o Circuito Saladearte, com dinâmica participativa - o público presente compartilha suas impressões, reflexões e questões com os demais.

A cada encontro, um filme! de diferentes procedências, temas e formas. Eventualmente, participam convidados especiais. Já passaram por nossos encontros: Cristina Amaral, cineasta e montadora; os cineastas da Bahia Edgard Navarro, Claudio Marques e Marília Hughes, e o franco-baiano Bernard Attal, junto com o ator Vladimir Brichta, o diretor recifense Daniel Aragão e o diretor mauritano Abderrahmane Sissako. Também Rogério Ferrari, fotojornalista, antropólogo e ativista político e Adolfo Gomes, crítico de Cinema, curador e programador.

Os encontros, inicialmente, se tornaram um espaço de pensamento, crítica e fruição que, a pretexto de um filme, mobilizava uma conversa franca e sensível sobre a vida, de perspectivas diversas. Depois, os encontros, mantendo sua característica inicial, se

tornaram também um espaço de partilha e diálogo, de uma amizade terna entre pessoas que nunca se encontraram pessoalmente.

Um poeta definiu: uma irmandade! Um espaço raro de concordâncias e discordâncias respeitosas. Um lugar onde o dissenso é estimulante e enriquecedor. Um ambiente de expansão das trocas e do conhecimento a partir e através do Cinema. E, às vezes, rola até algum consenso.

O espaço é aberto! Quem quiser, pode chegar, sempre. Não há protocolos. Acompanhe a programação - os encontros são sempre aos sábados - e escolha os filmes e temas que mais te animem.

Muito obrigado a todo mundo que participa, muito mesmo, dando sentido e substância aos encontros. Vamos para o Centésimo, afinal!

Por fabricio e camele, curadores do Cinematógrafo.



Colagem: Alba Sampaio

SÍNTESE DOS ENCONTROS E COMEMORAÇÕES

SÍNTESE

Em virtude da Pandemia do coronavírus, o Cinematógrafo e Saladearte realizam Encontros Virtuais semanais, com a curadoria harmoniosa e competente de Fabrício Ramos e Camele Queiroz, propiciando aprendizado primoroso e o despertar de um novo olhar sobre os filmes, seus diretores e o ato de filmar.

Acontecendo em um ambiente virtual, considerado frio e impessoal, os Encontros têm nos possibilitado acolhimento, assistência mútua e uma saudável convivência.

2020

Neste ano foram realizados 59 encontros e também analisados 59 filmes (nacionais e estrangeiros).

Até o 50º Encontro, as discussões aconteceram às quartas e sábados, com duração média de duas a três horas, tendo em torno de cinquenta e cinco participantes, protagonizadores de debates calorosos, inspiradores, sempre permeados pelo respeito ao dissenso.

Do 51º ao 68º Encontro, realizados entre 10 de outubro e 16 de dezembro, foram analisados nove filmes, com um novo formato, no qual as películas eram discutidas observando o seguinte critério: aos sábados, “conversa temática motivada pela fruição do filme” e trocas de impressões e experiências de vida e artísticas; e às quartas-feiras, inspirados pelo mesmo filme do sábado, falávamos propriamente das questões cinematográficas (a linguagem e as questões formais de cada filme).

E em 17 de dezembro iniciamos um merecido e necessário recesso, cheio de recordações e saudades.

2021

No dia 23 de janeiro (69º Encontro) retomamos as atividades com a discussão do filme “Viajo porque preciso, volto porque te amo”.

Até hoje, 11 de setembro deste ano em curso, realizamos 32 Encontros, completando a marca significativa de

100 MEMORÁVEIS ENCONTROS

COMEMORAÇÕES

À medida que os Encontros se desenrolaram, vínculos afetivos significativos foram se estabelecendo entre os participantes, curadores, diretora da Saladearte e naturalmente fomos nos constituindo, como muito bem nos nomeou o querido Wilson, uma Irmandade. Temos nos relacionado virtualmente, há um ano e cinco meses, com fraternidade e, sobretudo, com muito afeto. Nossa Irmandade ouve com atenção, questiona, provoca, brinca, discorda, elogia, tendo como um dos seus valores principais, o respeito. Estabelece conexões que agregam energia de pessoas especiais, leves, inteligentes e sinérgicas, que contribuem para que o Cinematógrafo seja um local de pertencimento, preenchido por nossos saberes, fazeres, trocas e reflexões. Em comum temos valores éticos, morais e a esperança de um mundo mais justo e fraterno.

Gostamos de ritos e rituais. Costumamos celebrar, com alegria, a vida, as datas comemorativas e as nossas conquistas.

Destacamos abaixo, algumas delas:

1º ENCONTRO – 11.04.2020

Esta data marcou o início de uma incrível experiência para o Cinematógrafo e Saladearte de Salvador. Com o filme “A História da Eternidade” os curadores Fabrício Ramos e Camele Queiroz, com o apoio incondicional de Suzana Argolo, realizaram através da Plataforma Google Meet, o primeiro Encontro / debate virtual contando com a participação de um grupo de pessoas, motivadas por um convite divulgado nas redes sociais. A partir desse momento, algumas dúvidas e questionamentos foram levantados, acerca da sustentabilidade desta proposta, face ao novo contexto desencadeado pela pandemia do coronavírus, mas os curadores apostaram na força do Cinema e da participação coletiva. Segundo Fabrício “começamos sem saber o que iria acontecer”.



Card para redes sociais anunciando o 1º Encontro do cinematógrafo com o filme “A história da Eternidade”.

Elaboração: Cinematógrafo

40º ENCONTRO - 29.08.2020

Neste dia comemoramos o nosso quadragésimo Encontro. Aproximadamente 55 participantes discutiram, calorosamente, o filme “A Liberdade é Azul”. Nesta ocasião, como forma de homenagear Fabrício, Camele e Suzana, a Irmandade lhes ofereceu um E-book, coordenado pelo nosso querido David Perez, composto por relatos de vários participantes, contando suas experiências com o Cinematógrafo e com o ambiente virtual.

Além do E-book lhes foram ofertados, com muito carinho, uma cesta com queijos, vinho e um lindo girassol, bem como os textos: “40º Encontro do Cinematógrafo”, de Jamile de Almeida Santos e “Versos para Amour, com Emmanuelle Riva” de Marcos José de Souza, disponíveis abaixo:

40º ENCONTRO DO CINEMATÓGRAFO

Por Jamile de Almeida Santos

Hoje é dia de quebrar o silêncio. O lustre tem dominado meus pensamentos, meus sonhos e minha atenção. Não sei o que quer me dizer. Ainda. Mas me ilumina, alumia e impulsiona a escrever. Objeto é vida. Inclusive, e, na maior parte das vezes, muito mais vivo que muitos seres animados. Quem sou eu diante do lustre? Sou os pés e as mãos que se esticam para alcançá-lo? Ou o chão inerte consumido pelos caminhares? Sou memória ou vazio? Que objeto é esse? Hera. Objeto-Deus. Hera. Era. É.

Cinema.

Uma tela.

Cinema.

Estou na tela.

Vejo a tela.

Mas sinto pessoas.

Vivo encontros.

Fatos.

Sejamos realistas, façamos o impossível. Acreditemos no impossível. O Cinematógrafo é isso, todas essas lâmpadas: É vida, é morte, é o Thanatos, o Eros, é amor, liberdade, é saudade. É o suicídio; a salvação; a religião; o mar; o não dormir, O silêncio, O abraço da serpente, ou não; a nostalgia; a luz; O ódio; o vento que nos leva, O fim e o princípio, a ponte, a chuva, o verão, a cagada, o invisível, que se faz visível, e que me faz feliz, E hoje, sou irmandade. Se a Igualdade é azul, a Fraternidade é vermelha e Igualdade branca, a Irmandade é amarela!

Dizem que amarelo é a cor do sucesso. Depois do dia de hoje, penso que, não só é verdade, como também representa o verdadeiro misticismo da vida. Para a preparação da nossa manifestinha em comemoração aos 40-10 encontros com o Cinematógrafo aqui em casa, escolhi dourado, por saber que combinaria com o pano mesa e com os girassóis que colocaríamos para lembrar do filme passado.

Fizemos bolo, doce, salgados e, decoração terminada e preparado o texto, determinamos a cor do nosso Cinematógrafo: amarela.

Tivemos uma enorme surpresa ao descobrir que outros colegas escolheram a mesma flor e a cor para prestarem as suas homenagens. O cinema de fato possibilita conexões que transcendem o racional e o que percebemos é que todos somos feitos do mesmo ar que o universo inspira e expira nesses movimentos da vida. E nada acontece por acaso. Feliz por ter conhecido e ter sido acolhida por essa Irmandade. "A cada encontro, um cinema". E a cada encontro, um encontro.

Obrigada ao Cinematógrafo, Obrigada Fabrício e Mel, Obrigada a todos!! Até os próximos

Alagoinhas, 29 de Agosto de 2020

VERSOS PARA “AMOUR”, com EMMANUELLE RIVA

Um homem Uma mulher

Uma sala – um piano

Um quarto para dois

Uma mulher Um homem

Uma mesa duas cadeiras

Um café...para dois

Um apartamento

Um homem

Uma cozinha

Uma mulher

Um homem e sua mulher

Um homem e seus cuidados

Uma mulher e suas necessidades

Um homem

Um apartamento

Um silêncio

Marcos José de Souza,
de Fátima, Nordeste da Bahia,
para o cinematógrafo



Portada do 1º e-book elaborado
pelos participantes. Publicado no
40º encontro do cinematógrafo,
no dia 29/08/2020.

Organizador: David Perez

50º ENCONTRO - 03.10.2020

Este Encontro muito nos mobilizou. Discutimos o filme “Afterimage”, dirigido pelo cineasta polonês Andrzej Wajda, que alerta para as consequências de possíveis intervenções do Estado, nas questões relacionadas com a Arte e a liberdade de pensamento no século passado, na Polônia, fazendo-se um paralelo com o que a arte vem sofrendo no Brasil, nos últimos tempos. Objetivando festejar esse momento, elaboramos um jogral. Para fazer bonito na hora da leitura marcamos um ensaio, que foi realizado com muito entusiasmo, no dia anterior ao encontro, com a participação de muitos de nós. Tudo muito organizado e dirigido com esmero.

Como lembrança e reconhecimento do trabalho competente, realizado por Fabrício e Mel, nós os presenteamos com uma linda vitrola.



Vitrola presenteada para Fabrício e Mel no 50º encontro do cinematógrafo
no dia 03/10/2020

JOGRAL

Em 03.10.2020

Queridos: Tudo será feito com muita atenção por causa dos microfones que deverão estar abertos só no momento da fala de cada um, fechando imediatamente após. Cada um falará individualmente, imediatamente após o outro. Todos bem atentos e ligados para não deixar “furo” entre as falas.

Às 18:30h (se estiver alguém falando, provavelmente já sabe o que acontecerá, deverá finalizar rapidamente a fala). SUZANA colocará uma música e fechará o microfone de Fabrício e Mel.

(TODOS DEVERÃO SEGURAR A FOLHA DE PAPEL)
e (GUTO) imediatamente começa o texto:

Eu pensava que sabia
Mas não via
La Sapienza chegou!
Sou barroco, verde/Green (SUZANA põe o texto na tela)
Mel e Fabricio ensinaram

(MÁRCIA) Querido Fabrício, Querida Mel,
Fica difícil expressar o que esses encontros estão despertando nessa irmandade.

(SUZANA) O cinema ou qualquer arte sempre estão aí para nos emocionar e nos inquietar,

(ADRIANA) mas no nosso caso, a arte também nos humaniza de uma maneira quase impensada.

(TETIS) Não são os filmes que nos estão fazendo parceiros e amigos.

(GRÁCIA) São vocês, com esse jeito competente e sensível de conduzir nossas conversas.

(PRISCILA) Em tempos de pandemia, de excesso de lives,

(PAULO VICTOR) de isolamentos e tantas mortes,

(VIRGÍNIA) ter a certeza de que nas quartas-feiras e nos sábados há pessoas queridas nos esperando, é um privilégio.

(VITOR NUNES) Nos enche de expectativa, de bons sentimentos, de alegrias e de surpresas.

(ODILON) Podemos imaginar o quanto estão se ocupando com a organização desses encontros.

(CINTHIA) Não é fácil pensar em dois filmes por semana,

(JOÃO) preparar os comentários e conduzir um debate entre pessoas tão diferentes.

(MÁRCIO PAIM) Mas vocês sempre conseguem

(VALÉRIA) e nos amarram com esses elos que buscam não sei onde.

(DANIELE) Sentimos como se fôssemos seus amigos próximos,

(ANA LÚCIA) seus parentes, gente que se conhece há tantos anos.

(DAVID) E não é assim.

(FELIPE) Tem gente que acabou de chegar

(LUCIANNE) e gente que está com vocês faz tempo,

(MÁRCIO AUGUSTO) mas o sentimento é que somos irmãos,

(FERNANDO) no sentido do companheirismo e da cumplicidade.

(WILSON) Quem pensou em nos chamar de irmandade acertou.

(ZIBA) Somos isso sim

(MARCO) e, embora vocês não sejam os mais velhos,

(CAMILA) é assim que todos nós os vemos.

(ELIONAI) Vocês são aqueles que nos orientam,

(ANDRÉ) que nos puxam pela mão

(JAMILÉ) e nos mostram caminhos lindos que estamos percorrendo juntos.

(SIMONE) Que a gente possa mostrar um pouco de nossa gratidão, sempre,

(LUIS MENEZES) com este nosso gesto; que traga vida, arte, cinema, literatura e música

(TODOS) Obrigada.

Acabada a leitura do texto, NÁDIA, que estará acompanhando tudo pelo celular, toca a campainha do apto de Fabrício e Mel

68º ENCONTRO -16.12.2020

Nosso último Encontro do ano. Para comemorar essa data reverenciamos o Cinema Novo discutindo, numa sessão memorável, o filme “Terra em Transe”, terceiro longa metragem do grande cineasta Glauber Rocha. E, para brindar esse momento, a Irmandade elaborou coletivamente um texto que foi coordenado e lido pela Profa. Adriana Pucci contando com o trabalho primoroso do nosso também querido André Freitas, que preparou, com muito refinamento, o nosso Vídeo comemorativo.

Como lembrança, oferecemos a Fabrício e Mel uma contribuição financeira espontânea.

"ADVERTENCIA: HAY BANDA, PERO NO HAY CONDUCTOR"

Este é um texto de retalhos, rico em nuances, cheio de curvas, assim como a experiência de fruição de filmes proposta pelo cinematógrafo; de não se apegar a um sentido único, fechado, mas fruir pelas possibilidades.

Um ano perdido. Sem ideal nem esperança, a hiena Blondie, como o dono da tabacaria, sorri. Um ano salvo. As tardes de sábado e as noites de quarta trouxeram vida, trouxeram luz, foram intervalos compartilhados desse nada que não nos venceu. Trouxeram velas, que viraram símbolos. Ardentes, acesas, como as chamas que Lispector mirava, quando a necessidade a premia.

A luz da esperança começa a brilhar. Juntos, construímos o caminho. Não estamos sós; nossos corações encontraram a sincronia

perfeita na cumplicidade de tantos encontros. O Cinematógrafo permite acessos preciosos na nossa memória e nosso conhecimento... E nossa palavra para Fabrício e Mel é AGRADECIMENTO e para a Irmandade é ACOLHIMENTO. Ao mesmo tempo em que transforma o conhecimento numa espécie de religião, o Cinematógrafo nos convida a embarcar em uma viagem rumo à imaginação, a bordo de uma nave rica nos alicerces de irmandade e bem direcionada. A rota não é segura, de repente derrapamos na Mulholland Drive e já nem sabemos mais quem somos... nem para onde vamos; a cada sessão, outra viagem.

Nesse ano tão incomum, encontramos uma forma muito interessante e lúdica de aliviarmos a solidão da alma, ao podermos usufruir de um trabalho tão criterioso de altíssima qualidade de Mel e Fabrício no Projeto Cinematógrafo. Todos os filmes foram escolhidos com precisão cirúrgica pelos Curadores, propiciando debates instigantes de toda a irmandade. Gratidão por estes momentos inesquecíveis.

Enquanto indivíduos, aceitamos o desafio proposto: viajar, através da janela do cinema, para outros mundos. Desafio aceito, conhecemos o Segredo das Águas, visitamos a Grande Feira, aprendemos a Língua das Mariposas e observamos em Persona, a ambiguidade entre Alma e Elizabeth.

Enquanto Irmandade, embarcamos sim, em uma viagem mundo afora, rumo à imaginação.

Também nos encontros virtuais, nos permitimos viajar para dentro de nós mesmos, acessar nossos mundos, sentimentos, emoções e expressar, coletivamente, nossas preocupações com as novas formas de estar no mundo frente ao mais recente mal - estar da humanidade.

Estamos naquela base, estranhos irmãos. Na mesa ao lado um homem todo vestido de verde aconselha, por telefone, um suicida. Na tela, on-line, urgente notícia do vosso incompetente presidente. Imperfeições cinematográficas. Meu irmão tinha uma bicicleta. Uma criança, pijama azul com quadradinhos, espera. Um homem

com muletas desce pela escada. Uma bomba de duzentos e cinquenta quilos, não sobrou nem um sapato. Sandálias geta, a cor da guerra é o odor das pilhas de corpos queimando.

Sim, Wilson, a irmandade evitou que fôssemos para o equivocadamente chamado “isolamento social”. Aqui, por conta do período pandêmico, estamos em distanciamento social físico, todavia, em fabulosa e fraterna proximidade, nas noites de quarta, nas tardes de sábados, e na semana inteirinha.

A diversidade nos marca. Todavia o respeito à opinião dos companheiros nos reúne, enquanto humanos, à procura de nossa humanidade.

Esses tantos retângulos na tela em transe (que ficamos a imaginar como “janelas panorâmicas”), que possibilitam desassossegos, nostalgia da luz e sorrisos abertos. Alguns, apenas alguns nomes elencados, para que lembremos de todos não citados. Suzana, a nossa Suzana que nos lembra de louvar as pessoas que como ela, na seriedade, delicadeza e dedicação a um trabalho tão essencial tornam possível um mundo onde Mel e Fabrício existem. Nádia, que nos ensinou a arte da surpresa entre encontros, surpreende a cada encontro. Victor Grave, nosso crítico cinematográfico, Adriana, a nos propor tanto, enquanto estudante e professora, o magnífico Wilson com o sorriso mais pleno de todas as telas; Ana, a amiga que registra com olhar tão próprio esses todos filmes; professor Márcio Paim e seus encontros com Eugène Green. Os contos/curtas de Simone; David, tão vulcânico a preparar aquele e-book e os próximos; dona Camele ministrando aulas com as sensíveis “edições” nas quartas; a sala e a delicadeza de Lucianne; mestre Luiz Augusto e sua generosa elegância; Jamile e os tantos símbolos encontrados; mestre Eleazar com as buscas e sutilezas matemático-musicais. O início, o fim e o Marco Zabé, as cenas rimadas de Camila, as aulas inesquecíveis de João, a palavra final aberta de Marina, a volta de Cinthia; André e seus games e múltiplas referências. Odilon vai falar, que alegria! Entre tantos afetos e sensibilidades uma “delegada” tão afetuosa quanto graciosa e “seo” Fabrício, com os ventos grapiúnas e sertanezos. Esses e todos nós outros, somos Cinematógrafo.

80º ENCONTRO - 10.04.2021

A discussão do filme “A Ponte das Artes”, do cineasta, Eugène Green marcou um momento muito especial para o Cinematógrafo e a Saladearte, a saber, 01 ano dos “Encontros Virtuais”, vencendo o enorme desafio configurado pela pandemia do coronavírus, consolidando uma proposta de atividade remota, onde “Os encontros são virtuais, mas as presenças são reais”.

Para brindar todas essas conquistas, preparamos a nossa caneca. A caneca do Cinematógrafo, a caneca da Irmandade.

Nossa caneca

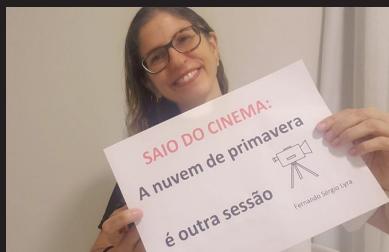


*A luz do
Cinematógrafo*

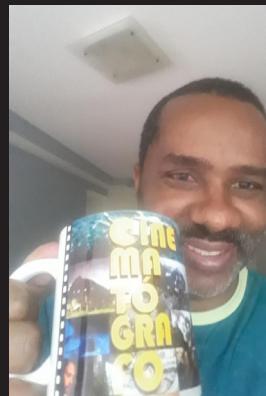


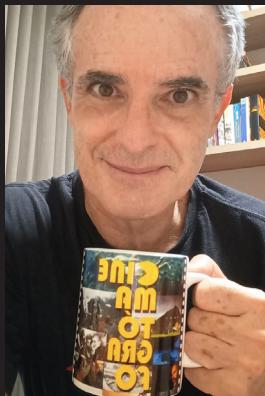
*O afeto da
Irmandade*

Imagen elaborada por Ana Lúcia Velame
como card para o 80º encontro do Cinematógrafo.











100º ENCONTRO - 11.09.2021



Card para redes sociais anunciando o 100º Encontro do cinematógrafo com o filme “O sacrifício”.

Elaboração: Cinematógrafo

**OS RELATOS DOS
NOSSOS CORAÇÕES**



Estamos sobrevivendo e convivendo e revivendo momentos singulares em meio a um contexto pandêmico e, localmente perdidos em meio a um processo de explicitação da fragilidade das nossas instituições, ditas democráticas, eivadas de vícios dos mais diversos teores.

E estamos sobrevivendo. A Irmandade nos acolhe, nos abraça e nos conforma num desenho humano, com o melhor do humano; a saber, a atividade criadora permeando todas as suas crises e processos de reflexão acerca do entorno próximo e do entorno aparentemente mais distante.

Somos um corpo. Vivo. Com as singularidades de um corpo gerado no seio do Universo, a partir de matéria das estrelas. Somos luz, embora humanos, às vezes, opacos. E é como luz que volvemos o olhar para o que nos ronda, bem proximamente. Escutemos pois, porque o único adjetivo que podemos atribuir a isso que nos ronda é que é inadjetivável. Mas carece de um nome para que nossos irmãos saibam do que estamos a falar. A coisa é inominável. Nem mesmo é. Porque está fora da esfera do ser ou do não-ser. Trata-se de um buraco vazio perdido em si mesmo. Não é criação nem danação. Não é de um deus nem de um demônio. Quiçá entulho de projetos abortados pelo cosmo transmutado no lodo do lixo da terra, resultante de fermentações singulares longe do perau da cratera de um vulcão de outra esfera.

Não é fera porque fera fere e é algo tangível. Não é nada parecido com o que temos nos registros do planeta. É, portanto, ante a nossa profunda indignação e espanto, um ponto de interrogação no vácuo. Embora tudo isso nos ronde, temos esperança. Somos e estamos

irmanados motivados pelo simples impulso de estarmos juntos construindo reflexões singulares, coletivamente. E isto nos faz sossegados ante o caos. E não nos turva a perspectiva do futuro. Somos uma Irmandade. E "o universo é feito de cooperação".

Wilson Pereira de Jesus

●

As máquinas foram desligadas, o som emudeceu, as paredes sentiram os silêncios, as escadas não tinham mais peso a suportar, as luzes foram apagadas, a tela tornou-se apenas um relevo, um retângulo na parede. Os corações acelerados fecharam as portas. Algumas lágrimas se esboçaram ou, até mesmo, deslizaram. O futuro se esmerou em não dar pistas, nenhuma luz. A Saladearte fechou as portas. Cessaram as ações presenciais do Cinematógrafo. Um vácuo se instalou sem trégua. O Cinematógrafo ficou sem tempo e sem lugar.

Estávamos nos primeiros meses do ano de 2020. Eram as consequências das medidas de contenção da pandemia da Covid-19. Um oco se desenhou no mundo e em nós.

Porém, diante de um acontecimento inédito em nosso século, floresceu a ideia de retomar o Cinematógrafo na modalidade virtual, sob a batuta dos cineastas Camele Queiroz e Fabrício Ramos, curadores. Assim aconteceu.

O Cinematógrafo e o Fórum, diante do infortúnio, nos deram abrigo e aconchego durante o distanciamento social. Ajudaram a transformar o distanciamento social em calor, em presença, já que pudemos sentir a presença, e mesmo a proximidade, até a amizade, com a diversidade de humanos que participam das sessões de conversa.

Chegamos ao 100º encontro do Fórum Cinematógrafo fazendo uma longa viagem por filmes de estilos, lugares, tempos, temáticas os mais variados. Assim também tivemos afloradas as mais diversas emoções, sentindo no corpo os solavancos e os descansos da viagem. Atracamos em vários portos, olhamos a paisagem, sentimos os ventos e as ondas, ora suaves, ora caudalosas.

Pensamos, pensamos, pensamos. Tateamos o significado de cada detalhe, daquilo que descobrimos nunca estar à toa num filme. Conversamos nas sessões, no grupo do WhatsApp, nos contatos bilaterais. Conhecemos pessoas de diversos lugares da Bahia e do Brasil, fizemos amigos, revemos amigos. Tivemos nossos corações aquecidos, dores destiladas e uma passagem mais serena por este momento tenebroso da travessia humana sobre o planeta Terra.

Mergulhamos nos oceanos de todas as artes em conexão com o cinema, nossa paixão. Não faltou a poesia, não faltaram os poemas. Até fizemos três edições do Sarau da Irmandade do Cinematógrafo.

Mas, contamos com dois timoneiros da maior qualidade nessa viagem. Hoje sabemos como eles, sendo do jeito que são, com a bagagem que carregam, foram imprescindíveis para a experiência que trouxe encantamento para todos nós. Camele e Fabrício esbanjaram competência, sensibilidade e amor na curadoria e na condução das sessões. Através da condução serena não permitiram que nosso barco naufragasse. Acolheram a diversidade de posições e olhares sobre os filmes e sobre o mundo. Nos ensinaram sobre os

detalhes, as paixões, as entrelinhas, a música, o silêncio, a voz, o corpo, a luz, a montagem, sobre as coisas que estão à toa na tela, mas que não estão à toa na tela. Não somos mais os mesmos, nem vemos filmes do mesmo jeito.

Estamos na viagem, no mesmo barco e não estamos à toa no mundo. A luz do cinema está acesa em outros lugares.

João dos Reis Vieira Lopes Filho



O Cinematógrafo é meu caminho de São Paulo a Salvador, chama delicada e improvável. Portadora e expressão do Sensível.

Este, mais que rebelde, é grito silencioso de tudo o que é perene nestas existências fadadas ao apagar das velas.

O teimoso calor, por isso, resta.

Meus carinhos e gratidão à Irmandade. À Camele e Fabrício, pela atenta escuta e por nos possibilitar o olhar.

André Beltramini Ruiz

CINEMATÓGRAFO: LUZ NA PANDEMIA

Dentre os mais de oitenta e sete filmes que assistimos juntos/as nos Encontros Virtuais realizados pelo Cinematógrafo/Sala de Arte Daten em Salvador, durante a pandemia do coronavírus, merece destaque “Iluminação” do cineasta polonês Krzysztof Zanussi.

Retratando etapas da vida de um jovem estudante de física, que vê sua fé na ciência ser abalada por acontecimentos ligados a seus relacionamentos, sexualidade, valores morais e espirituais, o filme convoca-nos, também, a refletir sobre o significado do termo Iluminação, que pode ser pensado como claridade, luminosidade, revelação, inspiração, luz...

A exemplo do filme, o Cinematógrafo tem sido, para nós, nessa pandemia, uma experiência de ILUMINAÇÃO.

Vivemos tempos de desespero, descrença, trevas e ele nos tem nutrido e guiado, no caminho da luz, da coragem do dissenso, da positividade, da esperança.

De forma leve, instigante, qualificada, amorosa, nos tem inspirado, refletindo sua luz na tela dos nossos corações numa profusão de conhecimentos, ideias, inquietações e sensações, possibilitando, coletivamente, a ampliação da nossa visão de mundo, estimulando-nos a pensar sobre a vida, a paixão, a incompletude, a diversidade, o viver, tendo o cinema como elemento aglutinador.

Como símbolo representativo desta iluminação, elegemos a luz da nossa vela, que tem marcado, significativamente, os Encontros

Virtuais aquecendo nossas almas e reacendendo nossas expectativas de paz e justiça social.

100 memoráveis encontros!

Os ramos de alecrim, a logomarca do Cinematógrafo e o sal grosso expressam a força e energia da IRMANDADE.

Continue, portanto, o Cinematógrafo sendo vela a iluminar nossas vidas; que a IRMANDADE, junto com a “menininha louca” do grande poeta Mario Quintana, possa gritar bem alto, forte e devagarinho, que o seu nome é ESPERANÇA.

Ana Lúcia Lima Velame
SSA, 30/08/2021



CINEMA NA PANDEMIA

PARTE II

Para @s amig@s do cinematógrafo

No dia 23 de agosto de 2020, escrevi uma crônica dedicada @s amig@s do Cinematógrafo, quando, com tristeza, constatava que a pandemia nos retirou muitas coisas, inclusive as salas de cinema. Hoje, 30 de agosto de 2021, depois de passados mais de 365 dias, ainda não há salas de cinema. Ou as há, mas de maneira limitada e assustada. Eu mesma já entrei em duas, mas sempre com máscaras, dois potinhos de álcool e o coração dividido entre estar em festa ou em pânico.

Faz algum tempo, tive o prazer de orientar uma tese de doutorado que discutiu a representação de mulheres na Comédia Italiana. Como eu não tinha, e não tenho, competência para acompanhar aquela pesquisa para além da Representação e do Feminismo, convidei Tonico Pereira, que também era professor da UFF, como eu, a ser o coorientador de Cristiana Cocco. Sua contribuição foi nos dizer que cinema era o lugar onde havia salas que projetam filmes, e não a arte em si, lição aprendida imediatamente e repetida até hoje. No entanto, Tonico me dará razão quanto ao imbricamento que há entre filmes e cinemas.

Não posso acreditar que ele goste de filmes projetados em televisão, em computadores ou em celulares. Se gosta, é porque é muito mais livre do que eu, que só gosto de filmes no cinema. E foi por essa razão que acabei abandonando os encontros do Cinematógrafo, embora gostasse muito de conversar com pessoas tão poéticas, críticas, relaxadas, inteligentes e sensíveis. Eu mesma demorei a assumir que

esta era a principal razão de minha fuga daquelas reuniões aos sábados. Falei para mim mesma, e para algumas pessoas do grupo, que o trabalho acadêmico me ocupava demasiado e que os sábados já não eram exclusivamente meus, pois havia saído de Salvador, onde vivo sozinha, para ocupar uma casa ao lado de minha filha, que mora na rústica Lumiar, no alto da Serra do Mar, no Rio de Janeiro.

Mas também não era mentira, porque minhas tardes de sábado já não eram apenas ocupadas pelos meus livros, pela vista de minha janela e pelos ruídos das pessoas que passavam pela rua. Meus sábados ficaram ocupados dos sons dos passarinhos, dos lindos pores de sol, da chegada da lua àquelas montanhas, sem falar do convite da vizinha a me chamar pra tomar café ou vinho. A televisão, o computador e o celular foram cancelados nos fins de semana, incluindo as reuniões do Cinematógrafo, com filmes, mas sem cinema.

Não sei o que virá, mas meu único desejo é que, num breve futuro, haja cinema filmes, encontros, amigos, passarinhos, vizinha, café e vinho.

Salvador, 30/08/2021
Marcia Paraquett



Inevitavelmente ao ouvir 11 de setembro sou levada ao fatídico dia que ficou marcado por representar um dia do "como é possível", um dia que nos levou a refletir até onde caminha a humanidade em direção ao seus.

Mas ao olharmos para o lado percebemos que nem tudo foi destruído e se dermos uma olhada ainda mais atenta, notamos que nem tudo pode ser destruído...

O amor nos salva, ainda que em alguns momentos até nos mate, queremos todos morrer de amor, porque é gostoso morrer de amor ou morrer na delícia, como nos diz o poeta baiano Gerônimo. O amor, em verdade, nos alimenta.

É engraçado que não saibamos nada sobre esse estranho e ainda assim nos faz tão bem, não sabemos de onde vem e como nos toma, mas mesmo assim preenche espaços vazios, sacia o insaciável, nos dá as letras certas...

Então, antes de me deixar ser levada por aquele 11, que embora seja importante lembrar para que não mais se repita, escolhi este 11 que acolhe, que gesta, que nos faz rir e chorar ao mesmo tempo, o que nos dá amor e o que nos ensina amar.

Parabéns!

Hil Patriarca



Havia começado a frequentar a Sala de Arte da UFBA e a do Museu com meus amigos fazia pouco tempo, quando a pandemia chegou. Não me lembro como havia salvo o número do circuito, até que recebi a mensagem dos encontros on-line do Cinematógrafo. Que graça a memória fraca nos dá!

O primeiro filme, “História da Eternidade”, me lembro de ter assistido, chorado, me emocionado com lembranças que surgiram e de não ter ido pro encontro. Ainda estava assustada com a vida virtual que assumimos com o distanciamento físico. Poderia haver um avizinhamento on-line?

Com o passar do tempo, fui para um encontro. Que lindeza de ver pessoas reunidas pela arte, criando um espaço em que o respeito e a discordância poderiam estar juntos. Me diverti, repensei e chorei em alguns momentos. A forma como os filmes falam com cada percepção e brincam com a nossa realidade é diferente...

Camele e Fabrício não só me apresentaram a vários diretores, como a uma irmandade que me faz acreditar em dias mais promissores. E que trabalho impressionante eles têm de nos apresentar a livros, sentidos e artificialidades que nos humanizam e tornam menos pesados esses dias! O sucesso da campanha para a volta da Sala de Arte foi apenas um símbolo do poder dessa união. Por tanto, sou imensamente grata!

Que venham mais dias, filmes, reflexões e emoções com a Sala de Arte e o Cinematógrafo! Vida longa!

Carolina Monteiro



gracias por llenar
de luz mi vida ...

CR



BR



A
IMAGEM
TEM QUE SER
AQUILO QUE VOCÊ
ABSORVE⁷⁷

VIVA O CINEMATÓGRAFO !
VERDADEIRA
PONTE
DAS
ARTES





Poder falar sobre o papel do Cinematógrafo para mim traz grande felicidade e prazer, já que a cada dia vejo ele se reinventar e, sob a curadoria de Fabrício e Mel, provocar tantos conhecimentos da arte do cinema, quando compartilham informações tão meticulosas e ricas, que propiciam debates sobre cada filme, dignos dos maiores elogios. As escolhas dos filmes são primorosas. Eles mexem com a alma da gente.

Ao completar hoje cem encontros virtuais, gostaria de parabenizar e agradecer imensamente aos Curadores e toda a Irmandade, pelos insights que me proporcionaram, assim como o prazer de poder encontrá-los, mesmo que de forma virtual.

Ressalto que hoje, quando assisto a um filme, o vejo com outro olhar, que abrange desde a contemplação mais atenta das interpretações dos atores, observando cada detalhe de filmagem, como também, apreciando o contexto do enredo e as músicas. Aprendi que não se tem respostas para tudo no cinema, já que, sendo uma arte, provoca diferentes sensações para cada espectador. Quem me ensinou a ter essa nova percepção da arte cinematográfica foi, com certeza, o Cinematógrafo.

Não poderia deixar de lembrar o papel fundamental exercido pelo Cinematógrafo na campanha exitosa para que fossem arrecadados valores que possibilissem que as 5 Salas de Arte de Salvador pudessem ser reabertas. Participei em alguns momentos desse processo, que me trouxe muitas felicidades, pois não passava pela minha mente imaginar Salvador sem esses espaços de cultura e arte. Parabenizo, nessa oportunidade, Suzana Argolo, Marcelo e toda a equipe da Sala de Arte, bem como Nádia, Fabrício, Mel e todos que de alguma forma ajudaram nessa conquista histórica.

Longa vida ao Cinematógrafo e felicidades a Fabrício e Mel em seus caminhos. Que Deus sempre ilumine suas vidas com muito amor e grandes conquistas.

Gratidão!!!
Paulo Vitor

●

Início o meu relato com um pensamento/prática do grande educador Paulo Freire.

"Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes". Acredito firmemente nessa perspectiva, a qual vocês exercitam semanalmente com o grupo da Irmandade.

O acolhimento por cada apreciação dos componentes do grupo é extremamente considerado e, de forma respeitosa, é refletido e aprofundado. Poderia elencar alguns princípios e valores que estimo, todavia o Respeito antecede todo e qualquer ato relacional. Sendo assim, todas as semanas migro da região sudeste para a nordeste no intento de desenvolver olhares, percepções, sentimentos... acerca desse Ser complexo, o qual denominamos Humano. E assim gradativamente, com o auxílio de todos vocês, buscar a minha Humanidade.

Gratidão!
Natália

Cansei. O dia todo querendo falar das emoções que o Cinematógrafo provocou em minha personalidade inquieta, romântica, cheia de curiosidades e memórias. Vou tentar resumir. Sou uma "escritora" compulsiva. Quem vive mais sente a necessidade de passar, para as gerações mais novas, o que viu e viveu. Eu nasci no final da primeira metade do Século passado. Muita coisa armazenada. O Cinematógrafo, que me foi apresentado pela minha amiga Neide, confrade dessa Irmandade maravilhosa, me transformou. A intenção dela era tirar-me da depressão causada pelo isolamento e medo da pandemia, período em que enfrentei algumas dificuldades, inclusive o diagnóstico de um câncer de pulmão, do qual já me livrei. Então envolvi-me de tal forma, positivamente, com a Irmandade e com o mundo do cinema, que, confesso, já retirei o Zolpiden da minha vida. Aguardo ansiosa as tardes de sábado para o encontro com pessoas que gostam e entendem de cinema, amáveis e bem humoradas. Fiquei feliz em reencontrar a Grácia com o seu sorriso meigo e acolhedor. Os curadores Fabrício e Camele, a Mel (A doce Mel) a transmitirem o conhecimento e sabedoria com tanta simplicidade fizeram me sentir em casa. Percebe-se o quanto se dedicam ao que fazem e terminam nos contagiando com a paixão que sentem pelo Cinema, Cinematógrafo, pela Sala de Arte. Obrigada pela generosidade de vocês e de todos que colaboraram para o sucesso dos encontros, compartilhando o conhecimento e experiências. Em alguns filmes encontrei traços de minhas vivências. Acho que vale a pena mencionar, para que sirva de reflexão sobre as possibilidades de expansão dos sentimentos. Mas, em outro momento eu conto os impactos que cada filme me causou. Agora, só me resta mais uma vez expressar a minha gratidão, desejar o retorno da Sala de Arte e parabenizar os que trabalharam arduamente para atingir as metas. Tenho uma sugestão: quando

abrirem as Salas de Arte, por favor, mantenham os Encontros Virtuais pelo menos uma vez por mês, porque tenho receio de não poder comparecer com frequência.

Um abraço carinhoso para todos.

Fabrício e Mel vocês são demais. Eu vi o curta "Muros" que fizeram com o fotógrafo Rogério Ferrari. Amei.

Com carinho,
Mirian Veloso



"Podemos escolher entre ir para trás, em busca de segurança, ou ir em frente, em busca de crescimento. O crescimento deve ser sempre o escolhido, e o medo deve ser sempre dominado."

– Abraham Maslow.

O Cinematógrafo completa o 100º encontro virtual, isto mantém uma luz acesa para o crescimento e a certeza de que não estamos sós. Sinônimo de acolhimento e amor.

Margarete Sampaio

SONETO PARA UMA IRMANDADE

E eu que nunca pensei
Que em plena pandemia
Quando triste eu fiquei
Bons amigos encontraria

Sala de Arte, a magia
Do cinema eu pouco sei
Estou aprendendo, alegria
As lições eu estudei

Camele e Fabrício
Que casal encantador
Cinematógrafo

Irmandade, alegria
Afeição, amor, humor
Minha alegria voltou

Mirian Veloso

100º ENCONTRO VIRTUAL DO CINEMATÓGRAFO

Sempre é tempo de aprender. Tempo de expandir o olhar e enxergar para muito além de uma simples aparência. O cinematógrafo chega à minha vida abrindo várias portas. Saio por elas para viagens inesquecíveis. São inúmeros os meios de transporte. Viagens na boleia de um caminhão, no ônibus, no ferry, na barriga da baleia e assim vou seguindo a estrada da ficção com a realidade.

Deparo-me com crianças com infâncias roubadas, crianças em campos minados, crianças órfãs, crianças com pais ausentes, crianças que lutam pela sobrevivência. Criança capaz de fazer, do seu colo, um berço de ninar sua própria mãe.

Encontro-me com mães leoas que defendem seus filhos e com mães que abortam. Com Agrin que não suporta carregar o peso de um filho bastardo, nascido do estupro.

Realidades antagônicas como a vida e a morte, a alegria e a tristeza, a dureza e a leveza, o amor e o ódio.

Atravessam minha vida a arte de lutar, a resistência, a força do coletivo, o valor da reflexão. A compreensão de que “somos gêmeos siameses, quando um cai, todos caem”.

O sábado chega revestido de arte, poesia, cultura, esperança, música, cumplicidade, sensibilidade e ternura.

Como num mistério, o céu se abre lembrando a finitude. É preciso ter pressa para a construção de um mundo mais justo. Qual a travessia que urge ser realizada? Que casco é preciso ser rompido para deixar a tartaruga voar?

No céu de Suely a viagem continua. Ela não estaciona na rodoviária. Tem coragem diante da vida, apesar da desilusão, expectativa frustrada, o lixo, o descartável. O céu evoca mistério, amplitude, transcendência. A determinação move a sua vida.

No caso de Maria, ela não se contenta com um simples boa noite, meu amor. Ela quer muito mais. São muitas as mulheres que cruzam fronteiras sem olhar para trás, perseguindo seus sonhos.

Muito há de se testemunhar, sobre a mudança que suscita em cada um de nós, nos filmes sabiamente escolhidos por Mel e Fabrício. Na forma de ver as cenas, de se colocar como protagonista, de sorrir e de chorar, de se indignar e de festejar, e ser cada dia mais sensível à dor do outro.

As montanhas testemunham as dores de uma guerra. “Pode um cúmplice da ditadura falar de justiça?” E o que dizer da grande testemunha Balthazar? O burrinho com o olhar compassivo mexeu com a sensibilidade. Ele carregou as dores da humanidade. O sacrifício levou-o à morte. O fim com a esperança de uma vida nova. “A flor de lótus nasce do barro”.

Em qual floresta há abrigo para curar o luto, as dores, a indiferença diante do caos instalado no filme real de um país chamado Brasil?

Nas tardes do cinematógrafo ouço o eco de vozes que, como vagalumes, acendem a noite escura fazendo as estrelas brilharem em muitas casas.

Cem encontros virtuais com a maestria e a sabedoria de Mel e Fabrício, que fazem da irmandade uma experiência especial e diferenciada em tempos pandêmicos. Gratidão para sempre!

Maria da Penha Lirio Almeida.
Salvador, 30 de agosto de 2021.

FORUM CINEMATÓGRAFO
100º ENCONTRO



VEEM DO CORAÇÃO A ALEGRIA DE SER UM
PEDACINHO DE ALGO TÃO SIGNIFICATIVO
E VALIOSO, DESSE TECER A VIDA COM,
FIOS DE FILMES, DE PARTILHAR DO FORUM
CINEMATÓGRAFO ONDE TUDO É FEITO COM
MUITO AMOR. ❤️ ❤️ ❤️

PARABÉNS A TODOS PELOS 100 ENCONTROS
E PELA LINDA CAMPANHA DA SALA DE ARTE.

"_ HOJE É SEMENTE DO AMANHÃ _" - Flor Bazar,



Colagem elaborada por Márcio Paim



Cien encuentros. Sí, cien. Cien oportunidades para compartir, para reflexionar, para dialogar, para pensar. Cien oportunidades para crear vínculos, resistencias y afectos. Cien oportunidades para crecer. Cien oportunidades para defender el arte y con el arte nuestros ideales. Cien oportunidades para sembrar esperanza.

Eso es Cinematógrafo para mí: esperanza. La esperanza de que vale la pena luchar, permanecer unidos y creer. La esperanza de que juntos somos capaces de generar cambios. La esperanza que es posible una sociedad más justa, más digna y más sensible.

A lo largo de estos encuentros, he visto un grupo de personas que se mueve principalmente por el amor. Amor al arte, a la gente y a la vida. He visto este grupo crecer. He sido testigo del cariño, el afecto, la solidaridad y la empatía. A lo largo de estos encuentros, me he sentido acogido, amado, respetado y valorado.

Yo llegué a Cinematógrafo sin saber todo lo que iba a encontrar, sin saber todo lo que iba a recibir. Con cada encuentro crezco, aprendo y siento que estoy más cerca de la persona que quiero ser: un ser más sensible y empático. Gracias Mel y Fabrício por darle forma a este proyecto construido desde la esperanza y desde el amor. Gracias porque ustedes creyeron y, sin proponérselo, llevaron luz y abrigo a muchas personas. Gracias a la Sala de Arte por estimular estos espacios. Y gracias a cada uno de mis hermanos y hermanas de la hermandad, porque ustedes le dan vida y sentido a Cinematógrafo.

¡Gracias!
David Pérez

●

Quero expressar minha gratidão a Mel e Fabrício e a todos que fazem parte da Irmandade do Cinematógrafo por terem preenchido as nossas tardes de sábado com arte, cultura e lazer em um momento tão difícil.

É prazeroso perceber a dedicação desses curadores, tão encantadores que fizeram com que, uma pessoa comum como eu, que não entende nada da Sétima Arte, entretanto a aprecia imensamente, passasse a ter um olhar mais apurado diante da tela . É como se tirassem o véu, revelando a verdadeira linguagem do cinema. Confesso que sempre me senti atraída por filmes não comerciais e agora os entendo melhor, os filmes de arte. Nos encontros consigo perceber muito melhor a mensagem de cada obra, de maneira que jamais perceberia sozinha. Esses encontros têm sido imensamente importantes e a participação de cada pessoa com opiniões diferentes, fazem-me sentir agradavelmente enriquecida a cada encontro.

Acolhimento, respeito, pluralidade de opiniões são palavras que me vêm à mente ao pensar no cinematógrafo.

Parabéns pelo centésimo encontro!

Um forte abraço a todos, em especial a Mel, Fabrício e Grácia

Com carinho,
Neide Cristina

LLEGAMOS A 100.

Un buen día um amigo te invita a un encuentro virtual en medio de la mayor pandemia que ha vivido la humanidad, sin imaginar el camino que dentro de mi, andaria, buscaria, construiria. Un maravilloso paseo por todos los sentimientos que vivi, que vivo y deseo vivir. Las palabras, las imágenes, la música se unieron en una harmonia que jamás había vivido. Y en este momento en que llegamos a 100 y busco en mi corazón para alimentar mi pensamiento, y les digo que mas allá de las palabras, las imágenes, la música, la individualidad de cada uno de los que participamos de todos o algunos de estos 100, esta el respeto, la manera tan hermosa como nos comunicamos, y sobre todos el amor que en esos 100 encuentros del cinematografo dimos unos a los otros.

Eleazar Madriz Lozada.



Eu só quero dizer por 100 vezes: Obrigada por tanto!

E que venham mais 100 e 100... até perdermos as contas por estarmos 100% entrelaçados no Cinematógrafo como uma só Irmandade. A irmandade 100% conectada por vocês.
Parabéns meus Meninos!!

Com carinho gigante e eterno,
Lucianne Issa

●

Neste grupo de tantos adjetivos e superlativos, o substantivo que mais me atrai é irmandade que se opõe à mesquinharia que pensávamos estar sepultada há mil ou duzentos anos, num passado que parece ressurgir das cinzas, não como Fênix e sim como um zumbi tão cultuado por muitos. Agradecer a essa irmandade é pouco, que longe de uniformizar ideias permite a diversidade inerente de cada um do grupo de conhecidos ou mesmo desconhecidos e novatos que se juntam para abrir os olhares e apreender a ver melhor essa arte que encanta a todos nós.

Grata a Mel e Fabrício e a outros que tornam possível esses encontros maravilhosos.

Jussara Maria Marins

●

Agradeço pela oportunidade de ter conhecido o Cinematógrafo.

Amo cinema e tenho aprendido demais com as experiências dos encontros aos sábados. Gratidão!

Ana Vieira

A
Cinematograph
STORY



03.10.20 *Maria*



●

Greetings from faraway California! I do not speak Portuguese, but I am an avid reader of your weekly newsletter and “Nota dos Curadores”, and a devoted viewer of the wonderful films you propose.

I wanted to add my voice to those of your local members to say “CONGRATULATIONS!” on this milestone 100-week run. I am so grateful for this cultural resource you provide, allowing me a continuing education in cinema and a chance to share movie-watching with a dear friend in Brazil, despite the 10,304 km that separate us. During the pandemic, you have connected us all to each other, and to the wider world. You have nurtured cinema while theater doors were closed, and nurtured us at the same time.

Thank you for everything you do!

With gratitude –
Kim Nameny

●

O cinematógrafo brilha e estamos agradecidos por isto

Ana Luiza Fontes

CINEMATOGRAFANDO

Aprendi que a vida sempre nos oferta algo positivo, mesmo quando tudo parece estar pelo avesso... pode ser um aprendizado, um livramento... Há sempre algo proveitoso para nos acarinhar.

Nunca imaginei viver uma pandemia.

De repente uma avalanche vinda do outro lado do mundo nos atinge, nos derruba e nos submerge nas profundezas da incerteza, do medo, das perdas, da solidão, da saudade.

E nossa capacidade de nos reinventar continuou falando mais alto. Nós nos ajeitamos, nos acalmamos, respiramos e nos reorganizamos.

Fazer parte dessa comunidade, o Cinematógrafo, foi uma alegria sem precedentes. Há aqueles que espiam de longe, vai se chegando, outros se mostram de pronto e, mesmo sem conhecer pessoalmente todos os membros dessa irmandade, nos sentimos parte.

O Cinematógrafo preenche espaços, inquieta, consola, ensina, emociona, espeta, abraça. Nos faz sentir saudade até do que não vivemos.

É muito bom ficar na expectativa do filme da semana, da curadoria dos cineastas, de ouvir as impressões, ficar na espreita, só de butuca nos alimentando de tanta sabedoria... da sensibilidade de como cada um percebe a si, o outro, a obra. O Cinematógrafo nos salvou e eu sou muito grata a essa comunidade...

Comemoramos 100 encontros virtuais.... vibro por milhares deles, virtuais ou não, o que sejam... Um salve ao CINEMATÓGRAFO!

Maíra Loiola

UMA CRÔNICA PARA OS 100 FILMES DO CINEMATÓGRAFO

Não sei ao certo como e quando recebi o primeiro convite; somente sei que mergulhei em Assunto de Família em um sábado à tarde. Outros assuntos, nem tão familiares assim vieram e se sucederam, inclusive Todas as manhãs do mundo somente em uma noite de quarta-feira (ou novamente em outra tarde de sábado)?

As semanas assim seguiam preenchidas por tantas sensações, tantos comentários, tantos debates, tantas rejeições, tantos amores, tantas reações... nossas vozes insistiam em ser ouvidas.

Tivemos um Cidadão ilustre que deixou seus Vestígios do dia, trazendo alegria com muita reflexão sobre o estrelato, sobre passados nem tão gloriosos assim... acompanhamos a felicidade do rapaz, o Lázaro... um ser humano que nos ensinou, nos emocionou, como podermos ser nós mesmos, apesar de não quererem que sejamos... nós mesmos.

E aí apareceu A Coleção invisível, que veio antes ou Depois da chuva? E por falar em chuva, o autor dessas mal traçadas linhas levou um pito do diretor de “Depois...” porque brincou com o modo de morrer por suicídio tão repetido nas películas mundo à fora (ou somente em São Paulo SA?). Pito à parte, me diverti e diverti os parças e as parças - hehehehe

A Ponte das Artes, O Fim e o Princípio, O Vento nos levará, a Nostalgia da luz, O Homem que não dormia, entre tantos outros títulos instigantes, suaves, delicados, nos trouxeram e nos levaram para muitos outros lugares desconhecidos, outros nem tanto.

Veio a segunda fase dos nossos encontros, com sessões somente aos sábados e o prazer continuou com Viajo porque preciso, volto porque te amo, neste ano de 2021. Mas o mais encantador, em meio às desgraças que elas e eles passaram, passam e infelizmente ainda passarão, são os filmes que nos brindaram com excelentes, cativantes, encantadoras, enobrecedoras representações das crianças e adolescentes iranianos e iraquianas em Tempos de embebedar cavalos e, nesta semana – sábado de 28 de agosto de 2021 – com Tartarugas não sabem voar... quanta excelência desses meninos e, potencialmente, dessas meninas.

QUANTA HUMANIZAÇÃO!!!!

E como sei por que permaneci, porque permanecemos, estamos...

Obrigado Suzana, nossa Su
Obrigado Camele, nossa Mel
Obrigado Fabrício, nosso Fabrí

Nossos dias nunca mais foram os mesmos depois das sessões do Cinematógrafo!!!

Marcos José de Souza



Parabéns Cinematógrafo! Lugar de amizade, encontro, aprendizado, e claro, de cinema de qualidade! Um abraço para todos!

Maria Emília Simões

Diamantes brejeiros
Simplicidades complexas
Realidades expandidas
Garimpos de outros mundos

Licenças poéticas
Abertas ao acaso
Antropológicas almas
Em memória e ficção

Severinos reais
Em muitas vastas mortes-vidas
Guimarães de tantas rosas
Em enlaces, veredas, sertões

Cantigas, vissungos dialetos
Rituais, simbolismos, sentidos
Que um dia a terra deu
E n'outro ela comeu.

Valéria Nancí

Essa poesia foi feita por mim após uma discussão em grupo no Cinematógrafo sobre o documentário TERRA DEU, TERRA COME, do ano de 2010, dirigido por Rodrigo Siqueira. Ela reflete muito do que sinto ao pertencer a essa irmandade do cinema: o tanto que somos, o quanto que somos, a soma que somos!

Ao cinematógrafo presencial devo tantas inspirações que tive ao longo das minhas idas ao seu encontro que tanto amava. Ao cinematógrafo virtual devo a continuidade criativa de uma vida que parecia em preto e branco e que se colorizou de tanto amor.

O cinematógrafo é minha melhor projeção! Minha melhor trilha! Minha melhor companhia!

Com carinho, Valéria Nancí



Foto: Valéria Nancí

●

Olá pessoas lindas do Cinematógrafo, meus queridos Mel e Fabrício!

Recebi uma mensagem de Grácia para fazer um curto depoimento parabenizando o 100º Encontro do Cinematógrafo em setembro de 2021. Quero não apenas parabenizar, mas dizer que sou profundamente grata e falar ainda em nome da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB), dessa profunda gratidão ao trabalho brilhante que vocês desenvolvem, endossando ainda a sua extrema importância para a Saúde Pública!

Historicamente sabemos do papel que a Arte possui para edificar uma sociedade, por isso há um bom tempo, implantamos na SESAB um Projeto pautado em Artes, o “Viver com Arte”, com o propósito de melhorar a qualidade de vida das pessoas por meio da transformação pessoal positiva e autoconhecimento. Fizemos uma parceria com algumas instituições, dentre elas a Saladearte e o Cinematógrafo e, em pouco tempo, já evidenciamos resultados maravilhosos.

Portanto desejo que esse grupo se fortaleça a cada dia e que haja enésimos encontros do Cinematógrafo. Mais do que nunca as Artes precisam ser pilares para Educação Social, sobretudo considerando o atual momento sociopolítico que atravessamos; nossas vidas precisam estar pautadas em Arte, Cinema, Filosofia, dentre muitas outras coisas boas. Vida Longa ao Cinematógrafo, à Saladearte, porque não basta à gente viver, precisamos de Arte!

Adriana Dávila de Oliveira

●
Como frequentadora da Sala de Arte há muitos anos e, durante a Pandemia, da Irmandade do Cinematógrafo (Encontros Virtuais), quero agradecer por esse espaço de reflexão, partilha e fraternidade.

A vitória da Campanha do Circuito Saladearte é manifestação da força da unidade e empenho da Irmandade e da sociedade, expressando a importância da Arte para os Baianos.

Gratidão à Fabrício, Mel e todos dessa comunidade!

Luisa Sampaio

●
Não sei expressar a contento, em palavras, os sentimentos e as sensações despertadas pelo Cinematógrafo, mas não posso deixar de tentar ao se chegar ao 100º encontro das edições realizadas virtualmente em virtude da pandemia. Apesar do virtual, os encontros nunca deixaram de ser reais; apesar da ausência em muitos desses encontros, o pertencimento à irmandade não deixa de ser sentido e de ser algo de muito positivo no enfrentamento desses dias/meses tão difíceis. Que sigam os encontros nessa essência, e que em breve tornemos palpáveis os abraços nos braços também das salas do nosso tão querido Circuito Sala de Arte.

Camila Costa

●

J'ai participé au Cinematografo à plusieurs reprises comme réalisateur et comme cinéphile. Fabricio e Mel m'impressionnent toujours pour l'indépendance de leurs choix et leur capacité à animer un débat en respectant les opinions contraires. Je crois que c'est Stanley Kubrick qui se moquait de la tendance d'une grande partie de la critique à penser en groupe et d'être victime des modes. Fabricio et Mel abordent le cinéma avec une totale indépendance et une grande honnêteté intellectuelle. Je les admire ainsi que le Cinematografo pour cela.

Tradução: Assisti e participei do Cinematógrafo várias vezes, mas bem menos do que eu queria. Sempre me impressiona a curadoria de Fabrício e Mel e a capacidade deles de animar um debate com independência e respeito às opiniões alheias. Acho que foi Stanley Kubrick que tirava onda da mania da grande maioria da crítica de pensar igualmente e de se submeter às modas em cada época. Fabrício e Mel abordam o cinema de uma maneira verdadeiramente original e com grande honestidade intelectual. Eu admiro eles e o Cinematógrafo, por isso.

Bernard Attal,
produtor e cineasta.

●

O Cinematógrafo e os seus encontros. Eu entro mudo, saio calado e cheio de inquietações. É o meu filme. Mas, ver tanta gente bacana pensando, refletindo, discordando, sorrindo...O que dizer? Gratidão a Mel, Fabrício e a toda gente por me trazerem de volta para o mundo do cinema e sua imensidão de possibilidades. Grande abraço.

Wilson Jr.

●

Muita sorte a nossa nos encontrarmos neste lugar virtual e termos o carinho de sermos bem recebidos. Com uma sequência de filmes selecionados, mergulhamos em universos ímpares, no imaginário de diversos diretores, nos enriquecendo com eles, e com a percepção de cada um de nós e sob a sensibilidade, seleção e condução atenciosa de Fabrício e Mel.

Formamos a Irmandade do Cinematógrafo, dentro do Cinematógrafo; uma casa de portas e janelas abertas à arte e a arte do bem receber.

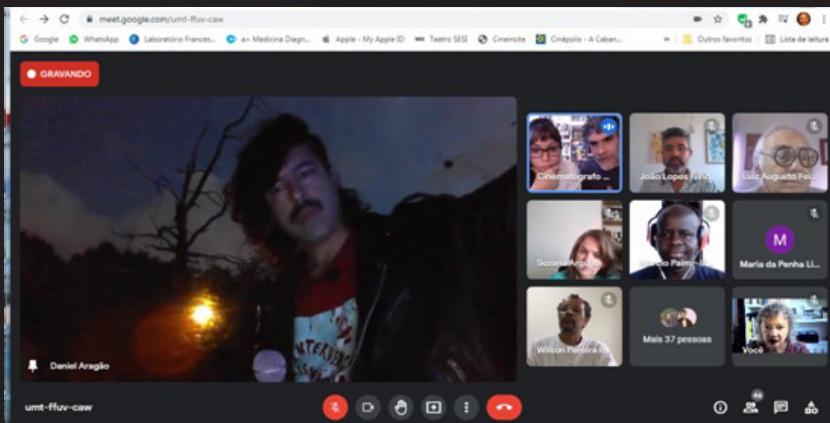
Obrigada casal F&M
Albha Sampaio



Visita do diretor e roteirista francês, Bernard Attal



Visita do crítico de cinema, Adolfo Gomes



Visita do cineasta pernambucano, Daniel Aragão

Principais mensagens

- kkkkk
- MAR ABERTO AUDIOVISUAL Maravilha galera
- renata matos estamos aqui kkkk
- Araca Filmes Até amanhã no Canal 3. ❤️
- Jamile de Almeida Os encontros do Cinematógrafo duram mais kkkkkk recorde de 4:30 kkkk
- Aina Lucia Lima Velema Lima Obrigada por este live linda e esperamos todos/as vocês sábado no Cinematógrafo
- Adriana Pucci Obrigada, ótima live.
- Araca Filmes Muito Bom.
- renata matos de Escorei 5h

As Narrativas para Depois do Fim do Mundo #13

3 assistindo agora

14

0

COMPARTILHAR

SALVAR

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...</p

VESTÍGIOS DE DIAS

Reencontrei um amor antigo. Desses que a gente guarda na gaveta à espera de um momento especial para abrir. Imersos no cotidiano, perdemos desejos, ócios, prazeres que sabemos que temos, desejamos, mas que não nos permitimos sentir ou usufruir. A pandemia nos mostrou que a vida é incerta, complexa e intangível, que não temos controle de absolutamente nada nem de nós mesmos; que somos contraditórios, inconstantes, diversos, iguais, e, simplesmente, humanos (nos diversos sentidos que esse termo se apresenta). Mas, em meio a tudo isso, o que há de mais essencial vem à tona: o que nos move, preserva e liberta é a Arte. Isso não quer dizer que traga felicidade. Mas traz possibilidades. Sentidos, munição, imagens, espelhos para que nossa alma se espalhe. Personas.

Neste espaço, Cinematógrafo, espalhei-me, reencontrei-me, desembrulhei papéis, doces amargos e açucarados da gaveta e experenciei momentos de emoção, aprendizado e muito afeto. Conheci em 2020, em uma fase atípica, graças à contadora de histórias Simone Passos e comecei a participar ativamente no décimo encontro com o filme *Vestígios do Dia*. Que irônico, não? Faço agora justamente o que manda o filme. Incrível pensar que mais de um ano se passou e estou aqui ruminando reminiscências. Descobri no virtual presenças reais (como já dizia Fabrício) que me acolheram, abraçaram e, hoje, sinto-me privilegiada ao dizer que faço parte de uma linda Irmandade que se construiu - créditos ao nosso amigo Wilson, que notou e nos nomeou sensivelmente.

Muito obrigada a Mel, Fabrício pelo esforço, cuidado e atenção em trazer os mais incríveis filmes; e a todos os participantes desses 100 encontros. Agradeço imensamente por me acolherem como família

(nos diversos sentidos que esse termo também pode ter). Sei, hoje, que pertenço a um espaço coletivo, amigável e de grande aprendizado. Um espaço para o qual sempre posso voltar e esquecer das frustrações diárias; seja me embebedando com litros de riso servidos por Márcio Paim com suas verdinhas e galos, ou pela fruição e magia da tela que me absorvem em existência, símbolos e cores. E ainda que mergulhe de cabeça nessa realidade assustadora que vivemos, podemos ressignificá-la a partir de lentes atentas que polarizam e ampliam a vida. Encontros, de fato. Diálogos. Aquilo que se empoeirava nos móveis, faz parte de mim. E mesmo quando minhas participações não estejam tão ativas ou que tudo se adormeça devido aos afazeres implacáveis que nos demandam atenção, sei e há uma chama que se mantém acesa e que me reserva luz, conforto e amor. Só preciso tirar também as velas da gaveta. Aquele amor de Cinema. Aquele amor por cinema. Que sempre volta e ilumina meus dias. Nossos dias.

Jamile de Almeida Santos
Cipó, 30 de Agosto de 2021

Cinema com afeto. Isso faz toda a diferença. Isso faz laço!
Meu carinho para o Circuito Sala de Arte e para o Cinematógrafo.

Airton De Grande



O que significa o cinematógrafo pra mim? É um convite para estabelecer uma outra experiência com o cinema. É mergulhar em outras estéticas, muitas vezes incômodas para a minha sensibilidade, já tão domesticada. É não ver o filme apenas como obra consumada, mas assumir a posição de quem inspecciona o prisma, investigando a multiplicidade das luzes, com os sentidos abertos para muitas leituras. Como diz o lema tantas vezes repetido “a cada encontro, um novo filme”. É estar atento à tessitura dos filmes, aos planos, à iluminação, à montagem, tudo isto apresentado sem imposições, apenas sugestões, sempre iluminadas de Fabrício e Mel. É re-conhecer o autor, o seu espírito criador, e o seu modo muito particular de engendrar a arte cinematográfica. É também passear por muitas realidades, outras terras, outros sotaques, cheiros e cores. É saber que o mundo visto de longe é somente na aparência banal, mas, de perto se revela toda riqueza da experiência humana. Tenho saudade de participar dos encontros aos sábados, mas sigo acompanhando, com a mesma devoção e expectativa, cada filme proposto semanalmente. Vida longa ao cinematógrafo!

Vida longa à nossa irmandade!

Odilon Sérgio Santos de Jesus



E quem diria que do isolamento poderia resultar a união?

Para alguns, os encontros virtuais vieram como um equipamento de segurança ao qual se agarrar, emulando um dos programas mais prazerosos e estimulantes de uma normalidade que, estranha e abruptamente, se esvaíra. Retomava-se o prazer de assistir a um filme bem escolhido e o estímulo de ter com quem conversar a respeito, de compartilhar interpretações sobre a obra em questão com outras pessoas, lapidando as suas próprias impressões.

Para outros, eles foram a “água para uma sede que não se sabia que existia”. Pessoas que nem imaginavam que o Cinema podia propiciar tantas reflexões – ou mesmo ter isso como propósito – e que passavam a ver filmes com outros olhos e expectativas.

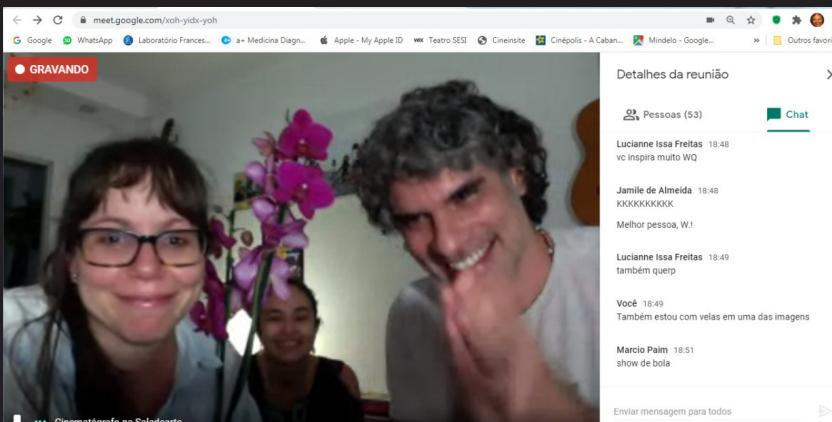
Para todos, esses 100 Encontros Virtuais do Cinematógrafo puderam ser fonte de respiro, de cultura, de crescimento, de diversão, de expectativa pelo próximo – e até de amizades, pois a comunhão de interesses é uma das formas mais comuns de aproximação.

Que a contagem continue.

André Freitas



Memória da comemoração do 40º encontro



Memória da comemoração do 50º encontro



Memória das comemorações



A lonjura física de aproximadamente 1500 quilômetros se mostrou ínfima frente ao calor emanado nos encontros virtuais do Cinematógrafo. Os sábados passaram ter significados especiais, um refrigerio para as restrições impostas pelo estado pandêmico que nos encontramos. Passaram a ser aguardados e ansiados. Encontros com hora marcada para iniciar (pontualmente), mas sem expectativas restritivas para o término. Obras cinematográficas de excelência (que curadoria!) aproximando pessoas de diferentes formações, interesses e experiências de vida, embalando discussões em que convergências e divergências se descobriram parceiras dinâmicas de aprendizado, tolerância e respeito. Cada contribuição e cada sorriso deixa um sentimento delicioso de se querer estar junto, mesmo afastados, mesmo sem se conhecer. Quando alguém não está presente, faz falta e deixa o seu vazio. O sentimento que fica é de gratidão pela oportunidade de acompanhar um grupo que se importa, agrupa e acolhe. Viva o Cinematógrafo!!!

Tânia Cristina Medeiros

•

Não faz muito tempo que comecei a participar do Cinematógrafo e, para ser sincera, também não saberia explicar com detalhes como foi que cheguei até aqui. Só lembro de ter me deparado com uma publicação da página da Sala de Arte no Instagram, de ter me interessado e de - logo em seguida - ter solicitado a inclusão dos meus dados na lista de pessoas que recebem a programação do Cinematógrafo. Estava curiosa para saber como seriam os encontros e até me perguntei se conseguiria acompanhar mais uma dessas reuniões virtuais e, portanto, entre telas (e que, muitas vezes, me cansam). Quando cheguei era o 74º encontro - mas só sei disso porque pesquisei - e o filme da vez se chamava "Tempos de embebedar cavalos". E disso (do nome do filme), eu não poderia ter esquecido. Porque, de repente, este programa de sábado à tarde se tornou um dos pontos fortes da minha semana. Não demorou muito e trouxe minha mãe para conhecer a proposta e fazer parte dessa roda. Desde então assistimos, quase sempre juntas, aos encontros e sinto que é ainda melhor assim: acompanhada. Então, por essas e outras, gostaria de deixar um registro da minha experiência com o Cinematógrafo. Sou imensamente grata pela oportunidade de tê-la, em meio à pandemia, e - certamente - me sinto interpelada pelas questões que são trazidas à tona pelos filmes e pelas conversas. É muito bonito de (vi)ver um espaço de cinema que não é individualizado e sim partilhado. Muitas são as vozes que me atravessam, assim como são muitas as histórias que me inquietam e me sensibilizam. Portanto, o Cinematógrafo é um espaço em que me abro para ser transformada e para descobrir mais de mim e também de nós.

Verena Vieira

CINEMATÓGRAFO

Quando conheci a sala de Arte
Estava na Universidade
Minha segunda casa
Logo quando foi inaugurada
O Cinema do PAC
Depois percorri toda cidade
Assisti ao filme A Criada tão desejado
No corredor da Vitória
Andando pelo caminho às vinte duas horas
Sem carro e uber segui de Buzu
O filme e a energia da sala fascinam
Deixa-me no sul
O PASEO que delicia
Harmonia que contagia
O MAM é um sonho
Nunca tive acesso
Com a pandemia
Em busca de um filme
Que não fosse tão fantasia
Descobri o cinematógrafo
Fiquei viciada
Com comentários inteligentes
E pessoas amadas
Sempre tinha desejo quando acontecia no PASEO
Mas nunca pude
Não tenho carro
E na Pandemia aconteceu

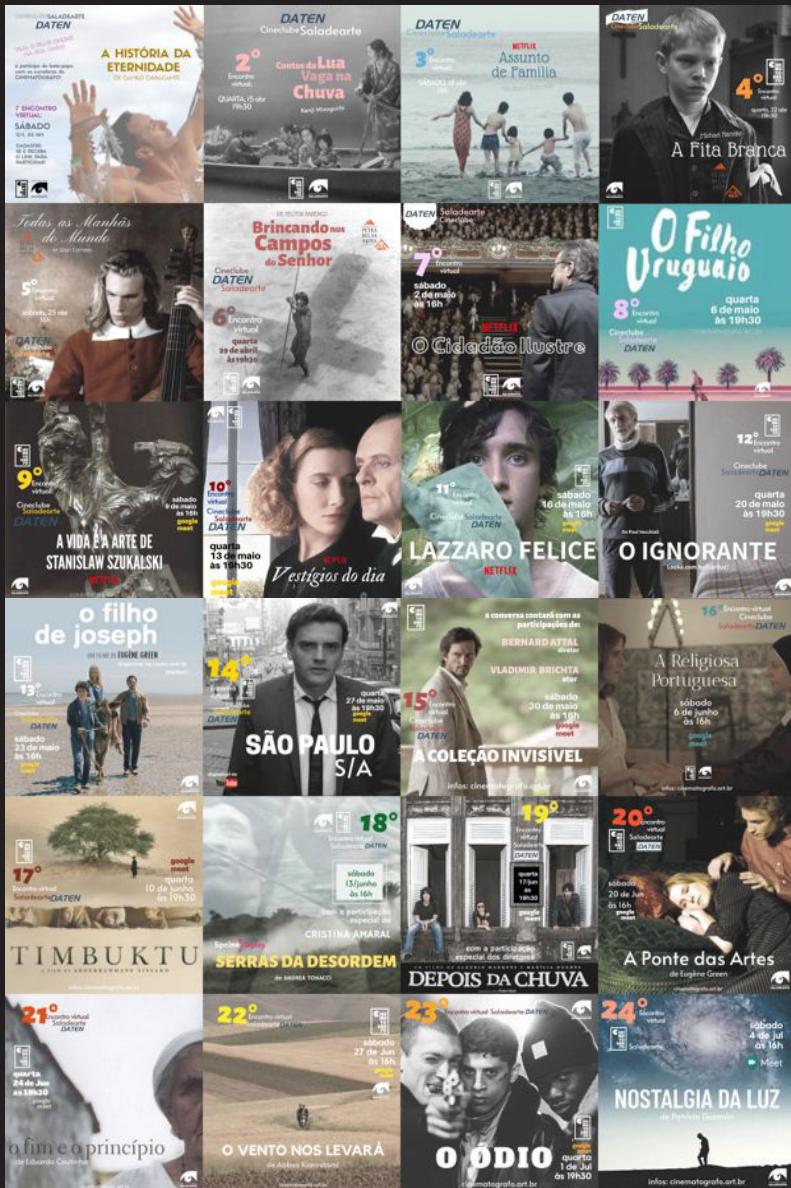
Falta botar um filme para descontrair
Já ouvir dizer que a sala de arte é excludente
Devido os altos preços
Mas eu como sou ousada
E apaixonada
Faço parte dela
Saudades do PAC
Eram todas as tardes
Às vezes a sala era só minha
Mas minha preferida é o PASEO

Patrícia Ferreira dos Santos



CINEMATÓGRAFO, conceito de espaço onde uma IRMANDADE de ILUMINADOS proporcionam, com extraordinária SIMPLICIDADE e COMPETÊNCIA, um extremo bem estar e aprofundamento espiritual na inteligência e sensibilidade artística de quem aqui se aprochega, conseguindo, assim, com esta impressionante MAGIA, semear a exata sensação de que a VIDA, apesar das imensas adversidades e agruras do dia a dia, pode ser vista e transformada, de forma SUTIL, e com LEVEZA, na medida das EXPECTATIVAS e ALCANCE a que CADA QUAL decida estabelecer!!

Luiz Menezes



Cards para redes sociais anunciando os encontros do cinematógrafo.
Elaboração: Cinematógrafo



Cards para redes sociais anunciando os encontros do Cinematógrafo.
Elaboração: Cinematógrafo

FABRÍCIO, MEL, SUZANA

Com a caixa de Lumière encantam todas as semanas, já contamos cem,
Curadores, produtores,
Mágicos intérpretes da luz,
sanadores, curandeiros, feiticeiros, benzedores e shamans,
Remexem sentimentos e emoções,
Risos e lágrimas,
Poesia de encantos da magia do planeta,
do universo,
Ouvem, provocam,
apresentam sonhos difusos e questões,
dando coerência às imagens e aos sons,
às sombras e à luz...

Magia e resistência
da irmandade que nos une,
apesar dos medos e distância imposta,
reabre as portas
do Cinema

Albert London

CEM

Somos cem
Multiplicados
Em imagens metafóricas
Descomplicadas
Cem
Somos cem
Dízimas divididas
Em múltiplas nuances
De senso e sentidos
Cem
Somos cem
Mais que somados
Sem limites.
Nada nos subtrai
Pousou-nos o infinito.

Luiz Augusto Ferraz (Guto)



Não pensei em escrever nada, mas agora, ao final do trabalho, abro o meu coração. Os acasos ocorrem na minha vida e sempre me colocam a pensar. Desta vez tive o privilégio de ler todos os textos e mensagens para o E-book volume II. E no silêncio, quando as pessoas dormem, eu leio os textos, busco lembrar do que nos marcou, enquanto irmandade, para que seja registrado no E-book, percebendo como o cinematógrafo me fez mergulhar na minha essência, na alma, revirar a minha própria alma, como diz a profa Conceição Evaristo e já nem tento segurar as lágrimas; elas vêm e vão ao tempo e compasso que querem, sem permitir que a minha razão interfira.

Estou presente desde o 1º Encontro do cinematógrafo virtual, era frequentadora do circuito saladearte e, inicialmente, até fiquei um pouco sem jeito, envergonhada. Virgínia estava presente, única pessoa que eu conhecia, mas nem chegamos a nos falar; era a minha primeira reunião pelo Google Meet, não entendia absolutamente de nada, nem de tecnologia nem de cinema (apenas amava assistir aos filmes) mas gostei muito da conversa. E fui ficando, acessando pelo computador de mesa, sem câmera, ouvindo os pedidos de Mel para que aparecêssemos, às vezes usava celular, comprei câmera e fui conhecendo as pessoas e me apaixonando pelo trabalho. Sempre presente aos encontros, gostei muito da constatação e denominação de “irmandade”, pelo querido mestre Wilson, ao nosso grupo.

E vieram as comemorações: a 1ª delas, a do 40º encontro, nem sei como já fiz parte, Nádia coordenando tudo e aceitando as nossas ideias, eu demonstrando a minha alegria e prazer em trabalhar nos bastidores, na carpintaria, como o nosso querido Ziba nominou um dia, e assim os laços foram se entrelaçando, o grupo crescendo, as

relações acontecendo, observando que “os encontros eram virtuais, mas as presenças cada vez mais reais”.

No último dia de maio deste ano fiz a cirurgia do joelho, já agendada; logo após veio a 2^a cirurgia, inesperadamente, em 18 de junho. Pela quarta vez na vida percebi a finitude ao meu lado e foi através de uma bela mensagem de alguém da irmandade que o meu sorriso voltou.

O cinematógrafo nos transformou. E quero, mais uma vez, agradecer a Fabrício e Mel, que, além de toda a competência, são sempre muito atenciosos e gentis comigo e com todos; a Suzana, sempre muito atenta e generosa; às minhas coleguinhas de trabalho, doces e amorosas, que possuem uma paciência infinita com a minha pessoa - Ana Lúcia e Nádia, esta se deu férias neste E-book; aos resistentes que continuam no grupo da irmandade, que criam e estabelecem conosco, o passo a passo das nossas comemorações; a Natália, esta pessoa iluminada e muitos outros que me mimam a todo tempo; a Victor Grave, sempre atento a todos nós; aos dois mais tímidos e queridos dessa irmandade que, com certeza, ficariam desapontados comigo se eu declinasse aqui os nomes: uma mulher que às vezes me escreve, me emociona, elogia o cinematógrafo mas não me permitiu colocar as mensagens no E-book, nem anonimamente; um homem, muito reservado, que me envia belas mensagens e que me chama da mesma maneira que o meu querido pai me chamava; esses dois não imaginam o quanto alegram o meu coração. Wilson, Tetis, Eleazar, Paim, André, Cinthia, Simone, David, Marcos, Guto, são tantos e tão lindos... Aos não citados, mas também tão amados, recebam todo o amor e gratidão da “delegada afetuosa e graciosa” (obrigada, Ziba, sempre tão gentil!) e a certeza que estarão, para sempre, no meu coração.

Grácia Queiroz



"Foi assim, como ver o mar" a primeira vez que participei do Cinematógrafo.

O cuidado nas escolhas dos filmes, a dedicação, o amor e entusiasmo com que Fabrício e Mel conduzem é fascinante e me tocam profundamente.

Os debates calorosos, espontâneos e profundos muito me fazem refletir.

Tenho meu caderninho de anotações dos filmes (nem todos eu vejo)

Apaixonei pelos filmes de Eugène Green.

A História da Eternidade me encantou... poesia, beleza, imaginação...

Outros filmes fortes que me arrastavam para dentro e me obrigavam a refletir.

Sinto grata e honrada em fazer parte da irmandade.

"Gratidão é a memória do coração"

Noélia Gomes

O CINEMATÓGRAFO FOI UM PRESENTE QUE GANHEI NA PANDEMIA

Costumo dizer que a cultura e a arte nos salvam da vida banal e, nesse momento de sobressalto e dor, isolada em casa, porém sabendo do horror que matava lá fora, acrescido das notícias da destruição da natureza, da cultura, da educação e da civilidade do meu país, pude comprovar.

Conhecer o cinematógrafo foi como chegar em um oásis e tive pena por não tê-lo conhecido antes.

Encantei-me com tudo: a curadoria, os participantes, o nível das conversas nos encontros e o sábado à tarde virou uma festa.

Vi filmes que certamente não teria visto. Diversidade maravilhosa!

Com o cinematógrafo fui ao Irã, Iraque, Rússia, Japão, Polônia, Grécia, Irlanda, Chile, Argentina, Peru, Espanha, Itália, México, França, Dinamarca, o que até amenizou minha síndrome de abstinência de viagem. A pandemia me pegou na Itália e tive que retornar antes da hora. Foi uma agradável surpresa ver a pequena Bagno Vignoni no filme Nostalgia, de Tarkovsky.

Enfim, tenho muito a agradecer a Suzana (a primeira que fiz contato), Fabrício, Mel e aos demais participantes.

Muito a agradecer, principalmente, à Saladearte que, desde o seu início, faz parte da minha vida. Foi um grande alívio a vitória da campanha.

Sigamos de olho, mente e coração nas telas.

Cristina Jesuíno

A CADA ENCONTRO UM FILME, A CADA FILME UM CINEMA

Texto em homenagem ao 100º Encontro virtual do Cinematógrafo

Por Elson Rosário

Conheci mais de perto Fabrício e Mel há 9 anos quando fui entrevistado pela dupla para o primeiro vídeo do projeto Canal Bahiadoc, série de seis webdocs com a participação de realizadores do cenário independente de audiovisual, que haviam viabilizado projetos através do Programa DOCTV na Bahia.

O casal, que hoje homenageamos na ocasião em que se completam 100 encontros virtuais do vitorioso e profícuo Cinematógrafo - o mais bacana dos cineclubs baianos desde os tempos de Walter da Silveira - já contribuía para o debate sobre a relevância social e cultural do cinema feito na Bahia, desde aquela época no já distante ano de 2012.



Primeiro webdoc do Canal Bahiadoc

Print da cartela de abertura da minha entrevista no Projeto Bahiadoc.
Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=PapLi03WXqY>

Até hoje estou devendo a eles as imagens, as quais deveriam cobrir minha fala durante a exibição do primeiro web vídeo deles naquele projeto. Tratava-se de um papo descontraído, realizado nos jardins do Palacete das Artes, no bairro da Graça, em Salvador, falando sobre meu primeiro trabalho como documentarista, o média-metragem em vídeo “Mário Gusmão, O Anjo Negro da Bahia”.

Acabei de assistir a entrevista mais uma vez agora, antes de escrever este texto e estou “morto” de vergonha por não ter enviado o material. Quero então, aproveitar este momento, para pedir desculpas pela falha, ainda mais que aquela teria sido a primeira entrevista realizada comigo por quem quer que fosse, desde o lançamento em 2005 do documentário. Oportunidade única e derradeira até então.

Realmente não lembro porque não consegui enviar as imagens a tempo, se por omissão, preguiça, cansaço mental, dificuldade técnica ou mero esquecimento, mas lembro que fiquei extremamente satisfeito em poder comentar pela primeira vez em público, sendo entrevistado, da minha felicidade em constatar que tinha alcançado meus objetivos de realizador audiovisual, ao perceber depois de sete anos que a maior parte das pessoas que assistiam ao documentário, entendiam e gostavam dessa particular narrativa audiovisual sobre o grande sujeito que é Mário Gusmão. Gratidão eterna aos dois por este momento na minha vida.

Mel e Fabrício produziram ali, por meio do Bahiadoc, importante registro de um momento histórico que colocava em evidência e valorizava novos nomes de realizadores da cena audiovisual baiana, proporcionando o debate sobre “a importância de programas públicos de incentivo à produção e à difusão independentes”, além de permitir a discussão de “temas ligados à prática do documento audiovisual e à linguagem cinematográfica”. Esta iniciativa pioneira e inédita foi a semente de uma árvore frondosa e potente com muitos galhos, sendo o Cinematógrafo seu mais recente fruto do fazer e pensar cinema coletivamente.

Considero a realização desses encontros virtuais, inaugurados em abril de 2020, como uma das melhores e interessantes iniciativas no âmbito audiovisual da Bahia que surgiram durante o isolamento social, causado pela eclosão da epidemia do coronavírus Covid-19.



Card comemorativo com print do 80º encontro do Cinematógrafo.
Arte de AnaVelame, enviado por Grácia Queiroz

Fui atraído a participar pela primeira vez dos encontros por ocasião da exibição e debate do filme “A Coleção Invisível”, de Bernard Attal, do qual fui Produtor de Elenco e de Figuração. Gostei tanto do formato que retornoi à sala virtual e por várias vezes me arrisquei a expor minhas impressões sobre os filmes que mais me tocaram o coração e a mente.

Revi amigos antigos como o Prof. Marcos de Zabé de Porfírio da Bodega e minha querida conterrânea ilheense Grácia Queiroz. Conheci novas pessoas que muito me ensinaram e alegraram com suas colocações, a exemplo dos poetas Wilson e Trazíbulo, do divertido e carismático Prof. Márcio Paim, Nádia, Suzana Argolo, Ana Velame, David, João Lopes, dentre outros e outras.

Em determinado encontro, quando falávamos sobre perdas pessoais e morte, fui consolado pela irmandade num momento de profunda tristeza pela perda de um grande amigo atingido pelo coronavírus, solidariedade sincera, que muito me comoveu.

Além de todo esse conhecimento e carinho ganhei em sorteio muito concorrido, um raro exemplar do livro Hera, com a memória literária (1972-2005), do movimento de poetas de Feira de Santana e ainda, por ocasião do 80º encontro recebi um card eletrônico enviado por Grácia, com uma mensagem super carinhosa, que fortaleceu meus laços afetivos com o grupo.

Portanto posso afirmar que minha experiência, ao passar pelas reuniões do Cinematógrafo, comprova o pensamento filosófico proposto numa das notas da curadoria escritas por Fabrício e Mel que diz assim: “o cinema contribui para pensarmos aspectos fundamentais da vida e seus problemas e quem sabe, criarmos as condições para transformar realidades”. A mim, só me faz bem participar dessa irmandade, que permite me transformar numa pessoa melhor. Terapia gratuita proporcionada pelo cinema, pela fruição dos filmes e pelo carinho dos que fazem acontecer o Cinematógrafo.

Parabéns Mel e Fabrício, Nádia, Suzana, irmandade e toda equipe da Saladearte pelo sucesso do espaço virtual do Cinematógrafo, onde temos a cada encontro um filme que nos emociona, e a cada filme um cinema que nos transforma.

Ilhéus/BA, 1º de setembro de 2021



Meus finais de tarde aos sábados foram mudados e saboreados pelo cinematógrafo.

Uma delícia!

Antonio Almeida de Souza

PARTICIPANTES

Adriana Dávila de Oliveira
Airton De Grande
Albha Sampaio
Albert London
Ana Lúcia Lima Velame
Ana Luiza Fontes
Ana Vieira
André Beltramini Ruiz
André Freitas
Antônio Almeida de Souza
Bernard Attal
Camele Queiroz
Camila Costa
Carolina Monteiro
Cristina Jesuíno
David Pérez
Eleazar Madriz Lozada
Elson Rosário
Fabrício Ramos
Flor Cézar
Grácia Queiroz
Hil Patriarca
Jamile de Almeida Santos
João dos Reis Vieira Lopes Filho
Jussara Maria Marins

Kim Nameny
Lucianne Issa
Luísa Sampaio
Luiz Augusto Ferraz (Guto)
Luiz Menezes
Maíra Loiola
Marcia Paraquett
Márcio Paim
Marcos José de Souza
Margarete Sampaio
Maria da Penha Lírio Almeida
Maria Emilia Simões
Mirian Veloso
Natália
Neide Cristina
Neiffe Peña
Noélia Gomes
Odilon Sérgio Santos de Jesus
Patrícia Ferreira dos Santos
Paulo Vitor
Tânia Cristina Medeiros
Valéria Nancí
Verena Vieira
Wilson Jr.
Wilson Pereira de Jesus

